

BIG BROWN EYES / 1936

(*Aqueles Olhos Negros*)

um filme de Raoul Walsh

Realização: Raoul Walsh / **Argumento:** Raoul Walsh, Bert Hanlon, segundo dois contos de James Edward Grant / **Fotografia:** George Clemens / **Direcção Artística:** Alexander Toluboff / **Montagem:** Robert Simpson / **Figurinos:** Helen Taylor / **Direcção Musical:** Boris Morrows / **Intérpretes:** Cary Grant (Danny Barr), Joan Bennett (Eve Fallon), Walter Pidgeon (Richard Morey), Lloyd Nolan (Russ Cortig), Alan Baxter (Carey Butler), Marjorie Gateson (Mrs. Cole), Isabel Jewell (Bessie Blair), Douglas Fowley (Benny Battle), Henry Kleinbach (Don Butler), Joseph Sawyer (Jack Sully), Dolores Casey (caixeira), Doris Canfield (Myrtle), etc.

Produção: Walter Wanger Productions, para a Paramount / **Cópia:** digital, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 77 minutos / **Estreia Mundial:** Capitol, Nova Iorque, em 3 de Abril de 1936 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 13 de Maio de 1937

Big Brown Eyes, foi uma das maiores surpresas da retrospectiva Raoul Walsh. **Big Brown Eyes** faz parte daquele lote de filmes esquecidos e «desprezados», e cada vez nos surpreende mais a «cegueira» (não de ontem, justificável porque estes filmes eram então puro entretenimento, como muitos outros) mas ainda hoje em dia, quando se teima em secundarizar, com um sorriso complacente, os filmes que Walsh fez durante esta década. Se nem tudo é bom, o que o é, é do melhor, e entre eles **Big Brown Eyes** é um Walsh «vintage» da melhor cepa.

Uma série de factores se juntam para fazerem deste filme o que ele é. E esses factores trazem algumas novidades em termos de narrativa, de personagens e, inclusive, de situações. Começamos pelo argumento. O ponto de partida são dois pequenos contos de um novo autor que se juntava à plêiade de escritores policiais de estilo «hard-boiled» que Dashiell Hammett popularizara na revista «Black Mask». Trata-se James Edward Grant, e os contos publicados na revista «Liberty» em 1935 são «Hahsit Babe» e «Big Brown Eyes». James Edward Grant (1902-1966) vai ter uma frutuosa carreira como escritor, argumentista (entre outros deve-se-lhe o argumento de **Hondo** de John Farrow, com John Wayne), passando inclusive à realização, tendo dirigido dois filmes bastante interessantes mesmo que algo desequilibrados, **The Angel and the Badman/A Última Jornada** (1947) com John Wayne, e **Ring of Fear/O Grande Circo** (1954), um thriller passado no ambiente circense e com a singularidade de ter como intérprete o autor de thrillers então popular Mickey Spillane. As histórias de Grant inscrevem-se no mesmo género, popularíssimo na década de 30, mas o argumento de Walsh e Bert Hanlon introduz variantes que hoje nos surpreendem como «raízes» de algumas situações e personagens do futuro filme «negro». Destas últimas quero apenas destacar as figuras dos dois ladrões/assassinos que têm papel determinante na intriga. Os personagens são irmãos (Corey e Don Butler) interpretados respectivamente por Alan Baxter e Henry Kleinbach. Se este nome não vos dizer nada mas o rosto vos parecer familiar é porque se trata do seu nome de batismo e o primeiro que usou como actor. Foi como Henry Kleinbach que se estreou no cinema em 1934 em **Babes in Toyland/Era Uma Vez Dois Valentos**, de Charles Rogers, ao lado de Stan Laurel e Oliver Hardy. **Big Brown Eyes** é o seu terceiro filme e o último em que usa este nome. A partir do seguinte tomaria o de Henry Brandon e seria mais tarde o exótico e sinistro Fu Manchú no melhor *serial* de sempre, **Drums of Fu Manchu/Os Tambores de Fu Manchu**, de William Witney, tornando-se depois um popular secundário de Hollywood, dando-nos, entre outras, a inesquecível personagem do chefe índio Scar em **The Searchers/A Desaparecida**, de John Ford. Estes dois personagens (Corey e Don Butler) são dos mais singulares de todo cinema americano dos anos 30, e duvido mesmo que tenham algum modelo

anterior nesta década, ou algum exemplo seguinte (no caso de estar enganado agradeço a correcção). As suas figuras esguias, secas, os diálogos breves e um comportamento compulsivo de nítidas marcas patológicas, com tiques característicos, abrem a «linhagem» de assassinos psicopatas que povoarão o filme «negro» na década seguinte e de Elisha Cook Jr em **The Maltese Falcon/Relíquia Macabra** de John Huston (1941). Mas este é ainda um «solitário» como muitos outros ao longo da década de 40. O que aqueles dois «anunciam» são as «duplas», em que não se concebe um dos personagens sem o outro (com as inevitáveis ilações sexuais), e que se manifestam a partir de **The Killers/Os Assassinos** de Robert Siodmak (1946). Mas se tivermos de procurar um paralelo com os «irmãos Butler» é, inevitavelmente com a dupla de assassinos psicopatas formada por Earl Holliman e Lee Van Cleef em **The Big Combo/Rajada de Morte** de Joseph H. Lewis (1955).

Estes dois personagens originais têm o seu contraponto na figura de Morey (Walter Pidgeon), chefe do gang que se faz passar por detective e que se inscreve num modelo mais convencional e popularizado já pelo cinema, o de ladrão elegante, da alta sociedade e com «dupla» personalidade. O personagem corresponde, em parte, ao rival do herói no interesse pela «rapariga» nos outros filmes de Walsh, a assim parece afirmar-se durante algum tempo, destacando-se a tentativa de sedução de Eve quando esta é despedida da barbearia. Mas depressa passa para uma posição secundária, face à relação de Eve com Danny. Joan Bennett e Cary Grant que interpretam estes papéis já tinham uma razoável carreira atrás de si (Grant fizera antes o admirável **Sylvia Scarlet** de Cukor). Mas é com este trabalho que ambos impõem um personagem que se vai tornar mais típico, em especial por parte de Grant. Tal como com Henry Fonda também Grant tem, às mãos de Walsh, o papel que surge como o arquétipo de outros dos seus trabalhos futuros. Ele aqui é um agente da polícia, mas podia ser jornalista (como durante algum tempo é a sua parceira no filme). Agora devolvam a cor primitiva (o negro) ao cabelo de Joan Bennett, reparem nos confrontos com Grant e digam-se se não passam por ali alguns «sinais» de **His Girl Friday** (com Pidgeon no lugar de Earl Bellamy). É um exagero? Talvez, mas não encontro na filmografia de Grant filme algum (que eu conheça) que melhor que este anuncie as suas grandes comédias futuras, de **The Awful Truth/Com a Verdade Me Enganas** de McCarey a **I Was a Male War Bride/Fizeram-me Passar Por Mulher** de Hawks.

Mas não é apenas esta questão de personagens que nos interessa neste surpreendente filme de Walsh. A realização e o argumento estão recheados de ideias notáveis para o desenvolvimento da narrativa e para a sua relação com o espectador. O que me parece mais admirável é o jogo de ilusão que Walsh leva a cabo com o filme e o prazer que tira disso tornando o espectador cúmplice. Neste caso Walsh por mais de uma vez nos leva para o interior da barbearia, mas não na função de campo de acção que permanentemente ocupa, mas para servir de «coro». Os planos dos clientes são quase sempre os mesmos, os ângulos de filmagem idem e as próprias frases pouco ou nada variam, servindo de «comentário» coral se não «sentencioso» sobre a sucessão de acontecimentos. De certo modo os planos funcionam como representação da distanciação brechtiana. Mas o jogo de «ilusão» instaura-se desde o começo. A imagem do genérico parece mostrar-nos a típica panorâmica sobre os arranha-céus da cidade. Mas o movimento de câmara que a ilustra mostra logo a seguir a sua falsidade. Trata-se de maquetes que Joan Bennett olha junto da barbearia. Este jogo de enganos é ainda mais sugestivo devido à utilização do ventriloquismo (ou algo semelhante). Cary Grant tem a capacidade de «projectar» a voz para outros lugares e serve-se do truque para tentar reconquistar Bennett, mas esta acaba por usar o mesmo sistema para lhe trocar as voltas. Mas é esta habilidade que vai permitir a Grant salvar-se da armadilha iludindo um dos irmãos assassinos de quem estava refém. Foi também um jogo de sombras (aliás, uma ilusão), a sombra projectada na janela, que o denunciou e permitiu a captura, como é também, de certo modo, um jogo de ilusionismo que a partir da escuridão final na barbearia nos mostra, quando a luz se acende, o chefe do gang e o assassino algemados um ao outro.

Sim. **Big Brown Eyes** tem demasiadas coisas insólitas e novas para ser lançado para o esquecimento. Acreditem-me e vejam-no.

Manuel Cintra Ferreira